



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

NOVO NASCIMENTO E NATALIDADE: DA GRATUIDADE DA VIDA E DO SEU CARÁTER POLÍTICO¹

*New birth and natality:
about the gratuitousness of life and its political character*

Helmut Renders²

Resumo: A procura do novo ser humano ocupa as grandes ideologias do século 20 e retorna de forma nova com os desafios da sustentabilidade. O artigo revisita a articulação teológica do tema na base de uma breve menção das metáforas do novo nascimento e da regeneração na Bíblia, seu significado originário no ciclo da vida humana e, com ênfase maior, da sua releitura na teologia wesleyana dos séculos 18 e 21. Depois, dialoga com a metáfora da natalidade desenvolvida por Hannah Arendt como dimensão política da vida. Conclui-se que as metáforas do novo nascimento e da natalidade devem ser lidas de forma complementar para desenhar, partindo de um lema wesleyano, a transformação da sociedade, reforma da igreja e renovação do ser humano como projeto intercalado.

Palavras-chave: Novo nascimento. Natalidade. Hannah Arendt. Novo ser humano. Transformação da sociedade.

Abstract: The search for the new human being occupies the great ideologies of the 20th century and returns anew with the challenges of sustainability. The article revisits its theological articulation at the base of a short comment on the metaphors of rebirth and regeneration from its biblical sources, its original meaning in the cycle of human life, and, with major emphasis, its reinterpretation in Wesleyan theology in the 18th and 21st century. It dialogues then with the metaphor of natality developed by Hannah Arendt as the political dimension of life. It is concluded that the metaphors of rebirth and natality

¹ O artigo foi recebido em 08 de julho de 2015 e aprovado em 03 de junho de 2016 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

Uma versão anterior do texto foi publicado como RENDERS, Helmut. Novo nascimento e natalidade: Metáforas da gratuidade da vida e da disposição para a luta em sua defesa. In: RIEGER, Joerg et al. *Graça libertadora: como o Metodismo pode se envolver no século vinte e um*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2015. p. 91-109.

² Doutorado em Ciências da Religião (UMESP, São Bernardo do Campo/SP, Brasil). Pós-doutorado em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil). É professor associado da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP, São Bernardo do Campo/SP, Brasil), coordenador da Editeo, editor da revista científica Caminhando, secretário do Centro de Estudos Wesleyanos e integrante da Comissão de Ética e da Comissão de Publicações. Contato: helmut.renders@metodista.br

█ should be read in a complementary perspective to draw, inspired by a Wesleyan motto, the transformation of society, the reformation of the church and the renewal of the human being as interleaved design.

█ **Keywords:** New birth. Natality. Hannah Arendt. New human being. Transformation of society.

Introdução

Por que falar do “novo nascimento” ou da “regeneração” no século 21? Primeiro, por se tratar de conceitos-chave da fé cristã.³ Segundo, por abrir a possibilidade de dialogar em uma perspectiva cristã com um tema central do século 20, a procura do novo ser humano. Alguns concluíram que essa busca faz parte das trágicas obsessões deste século⁴, outros reafirmam que a busca deve continuar por se tratar de um assunto de sobrevivência da espécie e até do mundo⁵, além do fato de que a frenética aposta do século 21 na inovação como solução dos problemas do mundo moderno, especialmente da concorrência e do consumo, parece ser mais uma variação do tema. Quanto ao cristianismo, uma proposta wesleyana de falar do novo nascimento e da regeneração de fato não está sozinha. Especialmente não na América Latina. Podemos descrever as propostas da teologia pentecostal com sua ênfase no batismo no Espírito Santo como forma específica de articular uma antropogênese – uma regeneração do ser humano –, algo que, não por acaso, passa na teologia católica pela busca da eclesiogênese, conceito usado pela teologia da libertação.⁶ Na teologia wesleyana, articulam-se essas esperanças da antropogênese e da eclesiogênese também pelo conceito da reforma (da igreja) e da transformação (do ser humano), ampliadas pela convicção da necessidade da reforma da nação, inclusive, os três mantidos juntos em um só lema: “Reformar a nação, em particular a igreja, e espalhar santidade sobre a terra”⁷. Assim, falar do “novo nascimento” ou da “regeneração” como parte da teologia wesleyana, em resposta aos an-

³ De fato, dicionários teológicos mais recentes não contêm o verbete “renascimento” ou “novo nascimento”. Porém existe um verbete numa obra metodista de 1962. Cf. ROBINSON, J. M. New Birth. In: BUTTRICK, George Arthur (ed.). *The Interpreter's Dictionary of the Bible: an illustrated Encyclopedia*. Nashville: Abingdon, 1962. v. 2, p. 543. O autor expande a discussão ainda a todas as palavras com a raiz *καίνο* (novo).

⁴ LEPP, N.; ROTH, M.; VOGEL, K. (Eds.). *Der neue Mensch: Obsessionen des 20. Jahrhunderts*. Katalog zur Ausstellung im Deutschen Hygiene-Museum Dresden. 22.04.-08.08.1999.

⁵ “O calcanhar de Aquiles de qualquer programa de sustentabilidade é a disposição ou indisposição do indivíduo e de instituições de abraçar um estilo de vida mais simples e menos agressivo e explorador em relação ao seu próximo, ao ecossistema e às futuras gerações. Para superar possíveis impasses, precisa-se de formação de caráter de um ser humano em que conhecimento, atitude e visão forjassem um *homo ecologicus*, ou melhor, um *homo sustentabilis*”. SILVA, M. *Homo sustentabilis*. *Folha de São Paulo*, 20 out. 2008.

⁶ BOFF, L. Eclesiogênese: As comunidades eclesiais de base re-inventam a Igreja. *SEDOC*, IX, p. 393-438 (1976) e BOFF, L. *Eclesiogênese: as Comunidades Eclesiais de Base reinventam a Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1977.

⁷ WESLEY, John. *The works of John Wesley*. Complete and unabridged. Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 1986. v. 8, p. 299 – *Minutes of several conversations between the rev. Mr. Wesley and others from the*

seios do mundo no qual nós vivemos e em diálogo com outras respostas dadas a esse anseio, pode ser algo surpreendentemente atual.

Outro aspecto em John Wesley (1703-1791), *spiritus rector* do movimento metodista, favorece o tratamento do tema. Wesley aproximou-se desse assunto não de forma especulativa, mas, prática, perguntando: Quais são os frutos do renascimento e da regeneração do ser humano sob influência da graça de Deus? Quais são os privilégios e os deveres desse ser humano em relação à própria vida, à vida dos outros, à vida de toda a criação? Renasce-se para quem? Renasce-se para quê? Podemos chamar essa tendência da teologia wesleyana de raramente discutir teologia em si, mas teologia em relação ao mundo como um todo, ao mundo da vida das pessoas e às próprias pessoas, de ênfase soteriológica.

Seguimos essa tendência e propomo-nos a discutir as metáforas do renascimento e da regeneração em uma perspectiva soteriológica. Na teologia wesleyana, isso envolve, em termos gerais, uma perspectiva que, quanto à salvação no sentido teológico, envolve um discurso teológico que parte da graça de Deus, dando-lhe a primazia sobre todas as ações humanas, para depois articular a responsabilidade humana, em reciprocidade à ação divina. A relação entre a primazia da graça divina e a responsabilidade humana, a habilidade humana de responder, também descrita como sinergia divino-humana nos processos da salvação, podemos designar como libertadora, uma graça transformadora, que liberta tanto “de” como também “para”. Uma nova força para se envolver sob novo preceito e nova perspectiva, graças a um novo horizonte: salvos/as pela graça, libertos/as para descobrir e apropriar-se de todas as dimensões cristãs da vida cristã, libertos/as para reformar a nação, em especial lugar a igreja.

Nessa perspectiva, queremos revisitar as metáforas do renascimento e da regeneração para garantir, por um lado, o conhecimento e a compreensão de aspectos tradicionais e, por outro, trazer para esta conversa desafios mais contemporâneos. Na primeira seção, *Nascer de novo e regeneração do ser humano: a gratuidade da vida como dom divino*, revisitamos os testemunhos bíblicos encontrados no Novo Testamento, para depois explorar o significado original da própria metáfora enquanto ela se refere a um momento específico no ciclo da vida humana. Nesse tópico, unimos a discussão sobre renascimento e regeneração comum na passagem entre a época medieval e a modernidade, e sua compreensão de uma transmissão sacramental ou percepção pessoal. Na segunda seção, *Nascer de novo, regeneração e nova criação: do compromisso pela vida como dom divino e da natalidade*, dialogamos, primeiro, com a biblista Beth M. Stovell⁸ e sua observação em relação ao uso paralelo das metáforas do Deus-que-dá-vida e do Deus guerreiro para depois aproximar ainda o conceito da

year 1744 to the year 1789, Questão 3.A: “Not to form a new sect, but to reform the nation, particularly the Church, and to spread holiness over the country”.

⁸ STOVELL, Beth M. The birthing Spirit, the childbearing God: metaphors of motherhood and their place in Christian discipleship. *Priscilla Papers*, v. 26, n. 4, p. 16-21, out./dez. 2012.

“natalidade” de Hannah Arendt⁹ à nossa discussão sobre o significado das metáforas do “renascimento” e “regeneração”.¹⁰ Dessa forma, abrimos uma conversa com perguntas típicas para a passagem entre a modernidade e a modernidade tardia. Durante todo o texto, estabeleceremos também uma conversa com a práxis pastoral e a reflexão teológica de John Wesley, na convicção de que a proposta aqui apresentada tanto faz jus à essência das respectivas intuições teológicas sobre os eventos e processos do novo nascimento e da regeneração, como também serve para a base do envolvimento do cristianismo nas lutas do século 21, da humanização do ser humano e da criação de um estilo de vida sustentável.

Nascer de novo e regeneração do ser humano: do caráter gratuito da vida

O tema do novo nascimento aparece na história do cristianismo em diferentes tempos com acentos distintos. Na passagem da época medieval para a modernidade, destaca-se a discussão sobre o renascimento e sua relação com o batismo infantil. Para alguns, o vínculo era tão estreito que o mero batismo se tornou um ato da transmissão da graça de forma irresistível, que constrói a salvação de forma permanente; para outros, trata-se da articulação da proveniência¹¹ ou preveniência¹² da graça de Deus, que sinaliza a gratuidade da existência humana, mas em necessidade da confirmação pelo batizado ou pela batizada para vigorá-lo em termos salvíficos; já para um terceiro grupo, o batismo é um rito e testemunho meramente humano, uma expressão da obediência humana a uma ordenança divina, um cumprimento em forma de ato público e posterior ao renascimento como experiência. Já a metáfora do nascimento representa a ideia da relação entre renascimento e o pedobatismo, a forma mais “literal”.

Já na modernidade tardia, não se parte mais de uma lógica sacramental, mas se pergunta: “Are you born again?” / “Você nasceu de novo?”.¹³ Essa indagação apresenta uma ideia muito específica da metáfora do novo nascimento no sentido de uma experiência religiosa como saber no sentido de uma confirmação ou como uma certeza religiosa de pertencer a Deus. Quanto ao ciclo da vida humana, entende-se que tal experiência esteja vinculada com a passagem da adolescência para a vida adulta, caracterizada por uma crescente autoconsciência e autonomia religiosa, pelo direito publicamente registrado (maturidade religiosa) e pela capacidade de tomar decisões

⁹ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

¹⁰ Veja também HAMMER, Keir E. *Disambiguating rebirth: a socio-rhetorical exploration of rebirth language in 1 Peter*. Tese (doutorado) – Centre for the Study of Religion, University of Toronto, 2011.

¹¹ O conceito representa uma reorientação na doutrina católica introduzida pelo Concílio de Trento, substituindo o acento anterior na “graça irresistível” de Agostinho. No Decreto sobre a Justificação do Concílio consta: “o início da justificação dos adultos deve brotar da graça proveniente de Deus [cân. 3] por Jesus Cristo”. (*De necessitate praeparationis ad iustificationem in adultis* [D1525]): “[...] ipsius iustificationis exordium in adultis a Dei per Christum Iesum praeveniente gratia sumendum esse”.

¹² Linguagem usada na teologia wesleyana. Tradução de *prevenient grace*.

¹³ Admitimos que cada época tem suas perguntas. Hoje, por exemplo, se escuta: Você tem a visão?

religiosas. Atrás dessa compreensão transparece a concepção de um ser humano moderno cuja dignidade se expressa em boa parte através de suas escolhas e decisões. Essa interpretação do novo nascimento representa continuidade e deslocamento do significado original da metáfora; primeiro, trata-se de uma sinalização de uma mudança radical no processo de uma passagem de um estado existencial para outro (da não percepção à convicção da pertença pessoal a Deus); segundo, abandona-se definitivamente a ideia original que localiza o nascimento no ciclo da vida humana no seu início.

Interessantemente, encontramos justamente essa tensão nas obras de John Wesley.

Seus sermões e outros escritos que se referem ao batismo e ao “novo nascimento”, vistos juntos, articulam o ensino anglicano histórico como também uma preocupação evangélica com uma experiência subjetiva da fé, o que resulta em uma aparente tensão. Wesley concordou com a sua igreja que crianças, no momento de receber o sacramento do batismo nasceram de novo neste exato instante. [...] Mesmo assim Wesley observou que a mesma pessoa que se julga nascida de novo, por ter sido batizada como criança, teria perdido essa “graça iniciante” por ter cometido atos pecaminosos sem arrependimento. Segundo a compreensão de Wesley, essa pessoa precisaria uma segunda vez “nascer de novo” mediante uma experiência consciente da graça salvadora. Quer dizer, para a maioria das pessoas eram necessários dois nascimentos espirituais – um sacramental e objetivo mediante o ritual do batismo e um experimental e subjetivo mediante o encontro “aquecedor do coração” com Cristo através do poder do Espírito Santo. [...] O segundo nascimento pode ser visto como recuperação da graça recebida mediante o primeiro – Wesley nunca qualificou a relação entre os dois de uma forma mais específica.¹⁴

Tucker comenta que, apesar de o metodismo, por muito tempo, não ter abandonado a ideia de uma primeira regeneração como regeneração batismal, a respectiva linguagem de uma regeneração sacramental sumiu dos rituais da Igreja Metodista Episcopal nas primeiras três décadas do século 20: primeiro, dos ritos do batismo de crianças; depois, dos ritos do batismo de adultos.¹⁵ Porém, já na metade do século 18, introduz-se a ideia da dedicação, inicialmente não como alternativa, o que leva a Igreja do Nazareno a incluir, já em 1936, um ritual de dedicação ao lado do batismo¹⁶, seguido pela Igreja Metodista Unida em 1968¹⁷ e pela Igreja Metodista Livre em 1986.¹⁸ Segundo Felton, essa tendência se iniciou na década de 1950: “Na década de 1950, o pedobatismo em geral foi compreendido como uma cerimônia de dedicação com foco nos votos de responsabilidade dos pais”¹⁹.

¹⁴ TUCKER, Karen B. Westerfield. Sacraments and life-circle rituals. In: VICKERS, Jason E. (eds.). *The Cambridge Companion to American Methodism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 141

¹⁵ TUCKER, 2013, p. 142.

¹⁶ TUCKER, 2013, p. 143.

¹⁷ TUCKER, 2013, p. 145.

¹⁸ TUCKER, 2013, p. 144.

¹⁹ FELTON, Gale Carlton. Baptism. In: YRIGOYEN, Jr., Charles; YRIGOYEN Jr.; WARRICK, Susan E. *Historical Dictionary of Methodism*. 3. ed. Lanham: Scarecrow, 2013. p. 54. Veja também a plena ausência do tema do renascimento no texto seguinte: “O que é o batismo? O batismo é uma aliança sagrada

Para o metodismo sulista²⁰, Holyfield constatou, em 1978, a mesma percepção dupla de Wesley²¹, entretanto, com uma tendência, durante o “entusiasmo do avivamento” logo após a separação da Igreja Metodista Episcopal, de ignorar a tradição sacramental. Já em meados do século 19, surge a necessidade de apresentar o rito do pedobatismo em distinção da teologia batista (sinal) e anglicana (unicamente renascimento sacramental)²², até que o teólogo sulista Summers se referiu a uma “ordenança salvadora”²³. Thomas Osmond Summers²⁴ (1812-1882) era, ao lado de John Dick²⁵ (1764-1833), teólogo da igreja reformada da Escócia, e William Burt Pope²⁶ (1822-1903), teólogo do norte, referência ao teólogo Eduardo E. Joiner²⁷, que escreveu a primeira dogmática metodista no Brasil.²⁸ Essa mistura se mostra nos textos oficiais da Igreja Metodista no Brasil ao longo do século 20. Nos *Cânones* de 1934, os primeiros sob plena redação brasileira, lemos: “Art. 326 – O batismo é um dos dois únicos sacramentos ordenados por Jesus Cristo e, como tal, não é só o rito de iniciação dos cristãos na Igreja, mas, também, um símbolo da regeneração”²⁹. Em 1965, lemos:

Art. 290 – Sacramentos são meios de graça instituídos por nosso Senhor Jesus Cristo, sinais visíveis da graça invisível do Espírito Santo, na vida do crente. [...] Art. 292 – O batismo é o sinal visível da graça do nosso senhor Jesus Cristo, pela qual nos tornamos participantes da comunhão do Espírito Santo e herdeiros da vida eterna.³⁰

mediante a qual somos trazidos na casa do Deus e iniciados na vida da Igreja” (ABRAHAM, William J.; WATSON, David F. *Key United Methodist Beliefs*. Nashville: United Methodist Publishing House, 2013).

²⁰ Essa distinção é necessária por que a Igreja Metodista no Brasil é em sua essência produto da Igreja Metodista Episcopal, Sul, com exceção da missão em Rio Grande do Sul, e inicialmente da missão no Pará e na Amazônia.

²¹ HOLYFIELD, E. Brooks. *The Gentlemen Theologians: American theology in Southern Theology in Southern Culture, 1795-1860*. 2. ed. Durham: Duke University Press, 2007. p. 165.

²² HOLYFIELD, 2007, p. 166.

²³ HOLYFIELD, 2007, p. 167.

²⁴ SUMMERS, Thomas Osmond. *Systematic Theology: A Complete Body of Wesleyan Arminian Divinity, consisting of Lectures on the Twenty-Five Articles of Religion*. Nashville: Publishing House of the M. E. Church, South, 1888.

²⁵ DICK, John. *Lectures on Theology*. Oxford: David Christy, 1836.

²⁶ POPE, William Burt. *A Compendium of Christian Theology: Being analytical outlines of a course of theological study, biblical, dogmatic, historical*. Cleveland, OH: Thomas & Mattill, 1881. 3 v.

²⁷ JOINER, Eduardo E. *Teologia Cristã: Sendo uma apresentação e defesa da fé cristã como é ensinada pelos Metodistas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Metodista, 1900. v. 2. No capítulo sobre “A regeneração” (p. 77-95), Joiner segue a linha do norte! Dialogando com a teologia católica, anglicana e calvinista, rejeita qualquer forma de regeneração sacramental, como também a ideia da passividade da alma no processo da regeneração.

²⁸ Na mesma época também foi lançada a tradução de outra obra: TILLY, Edmund. *Doutrinas Cristãs: Com introdução pelo rev. Dr. John M. Kyle*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Metodista, 1898.

²⁹ IGREJA METODISTA. *Cânones da Igreja Metodista do Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1934. p. 142.

³⁰ IGREJA METODISTA. *Cânones da Igreja Metodista do Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1965. p. 155 e 156.

Com a ausência da palavra “regeneração”, esse texto acompanha as discussões na Igreja Metodista nos Estados Unidos, porém preserva a ideia de um ato performativo com o poder de transformar alguém em algo. Em 1990, surge um ritual que descreve o “[...] sentido bíblico do batismo de crianças como consagração da criança a Deus, e sua inserção na comunidade da fé”³¹. Aqui desapareceu qualquer compreensão sacramental ou performativa do batismo e prevalece somente a ideia da dedicação. No *Ritual* de 2001, essa afirmação não se mantinha³², e isso está certo porque ela contradiz a segunda parte do artigo de fé n. 17, que, com as palavras “não somente [...] mas [...] também”, marca uma posição mediadora: “Artigo 17: O Batismo não é somente um sinal de profissão da fé e marca de diferenciação que distingue os cristãos dos que não são batizados, mas é, também, um sinal de regeneração, ou do novo nascimento. O batismo de crianças deve ser conservado na Igreja”³³. “Não é somente [...], mas também” evidencia a tentativa de manter essa dupla compreensão de novo nascimento, da importância fundamental dos meios da graça e da responsabilidade humana, cuja habilidade resulta da graça, sem deixar de ser um ato consciente ou de uma escolha em liberdade.³⁴

Para avançar em nosso argumento, apresentamos, em seguida, o quadro sinótico neotestamentário. São seis os livros bíblicos que se referem à família de palavras “renascer, nascer de novo, nascer de”: Mateus, Tito, 1 Pedro, 1 João, João e Tiago. Apesar de a raiz ser, com a exceção de Tiago 1.18, a mesma – γεν –, a tradução para a língua portuguesa refere-se somente em 1 João 2.29; 3.9; 4.7; 5.4,18 e no Evangelho de João 3.3,6,7,8 ao verbo “nascer”; nos quatro outros textos, Mateus 19.28, Tito 3.5, 1 Pedro 1.3,23 usam-se “regenerar” ou “regeneração”.³⁵ Além disso, há a combinação dessa raiz com prefixos distintos – παλιν, ανα – (Mt 19.28; Tt 3.5; 1Pd 1.3,23) ou diferentes advérbios e conjunções – ανωθεν e εκ (Jo 3.3,7; 1Jo 2.29; 3.9; 4.7; 5.4,18 e Jo 3.6). Essas diferenças representam apontamentos distintos: εκ articula a origem ou a causa do novo nascimento ou da regeneração, παλιν e ανα apontam o caráter do novo nascimento ou da regeneração como algo radicalmente novo. Complica a interpretação ao redor de uma compreensão fechada o fato que se usa somente uma vez a mesma palavra em dois autores distintos, o que indicaria uma difusão além de um uso local (caso de Mateus e Tito). Com outras palavras, entre os anos 80 e 100 d.C. ainda não ocorrera a fixação de uma terminologia, uma conceituação congelada em uma única expressão. Em vez disso, transparecem costumes linguísticos locais e, eventualmente, práticas religiosas locais no uso de uma metáfora que dificilmente

³¹ IGREJA METODISTA. *Ritual da Igreja Metodista*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1990. p. 7.

³² IGREJA METODISTA. *Ritual da Igreja Metodista*. São Paulo: Imprensa Metodista, 2001. Assim também na sua 2. edição de 2005.

³³ IGREJA METODISTA. *Cânones 2002*. São Paulo: Cedro, 2007. p. 37.

³⁴ Veja como essa dialética também é importante na cristologia. Por exemplo, quanto à relação entre João 3.16 e 10.17-18: “Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para dá-la, e poder para tornar a tomá-la”.

³⁵ Outras traduções favorecem mais o conceito do “novo nascimento”, por exemplo, a tradução de Martinho Lutero.

pode ser reduzida a um único sentido. Olhando o todo, podemos identificar quatro aspectos distintos:

- A descrição do vínculo entre o novo nascimento ou a regeneração e o batismo
- A afirmação de que o novo nascimento ou a regeneração tem origem única – e estritamente em Deus.
- A compreensão do efeito do novo nascimento ou da regeneração como libertação ou capacitação para uma nova vida.
- O estabelecimento através do novo nascimento ou da regeneração de uma relação contínua entre Deus e a pessoa renascida ou regenerada.

Porém não há um tema que transpasse todos os textos. Quanto à identificação do novo nascimento ou da regeneração com o rito do batismo, podemos dizer que Tito se refere com certeza a ele – apesar de usar uma palavra não usada por outro autor bíblico – e que, para 1 Pedro, esse vínculo é no mínimo possível.³⁶ Já (a compreensão escatológica de) Mateus não foca nesse vínculo, e no caso de João e Tiago a relação com o batismo não está garantida, mesmo que não seja impossível. Tiago, Tito, 1 Pedro, 1 João e o Evangelho de João acentuam especialmente a origem divina do novo nascimento ou da regeneração, ou como ação do Pai (1Pe 1.3, 23; Tg 1.18, 1Jo 2.29; 3.9; 4.7; 5.1,4; 5.18) ou como ação do Espírito (Jo 3.4,6) ou do Filho (Tt 3.5). Ao efeito do batismo se referem 1 Pedro 1.23 (incorrutível) e Tiago 1.18 (primícias das suas criaturas), enquanto 1 Pedro 1.23 ainda menciona a criação de um vínculo duradouro como entre pai e filho (“a qual vive”). Resumimos que qualquer redução a uma só interpretação encobre uma riqueza de significados relacionada às metáforas do novo nascer ou do regenerar. Um aspecto, porém, parece-nos central em todos os textos: a afirmação da gratuidade da vida da fé como dom divino.

Vamos, agora, visitar a metáfora do renascimento ou do novo nascimento em si.³⁷ Na vida humana, o nascimento não é o início da vida humana, nem seu fim ou sua expressão mais alta no sentido do pleno desenvolvimento do seu potencial. Um recém-nascido é um ser humano pleno em potencial, cuja tarefa em diante será assumir essa potencialidade e interagir com ela, conscientizar-se da nova pertença e descobrir o que ele é. Parte dessa descoberta é uma crescente noção das suas limitações e da sua capacidade de falhar e errar e da necessidade de lidar com elas. Com base nessa compreensão do nascimento no ciclo da vida, observam-se também cer-

³⁶ Ver HAMMER, 2012, p. 216. “Embora ambos os textos utilizem uma linguagem de renascimento para proporcionar aos seus leitores uma identidade social ou comunitária, nenhum deles liga esta linguagem com o rito do batismo cristão; 1 Pedro não contrasta essa identidade com outras comunidades; em vez disso, ele incorpora outras comunidades cristãs dentro desta estrutura familiar.”

³⁷ Segundo Cobb, Wesley também usou a analogia entre o nascimento natural e espiritual: “Antes do nascimento físico, os seres humanos tem sentidos, mas não enxergam e não escutam. Com o nascimento, de imediato ou em um prazo muito breve, os seus sentidos começam a funcionar”. Além disso, Cobb relaciona o “novo nascimento” com a “graça preveniente”, o que possibilita a inclusão da ideia de regeneração batismal, mas vai além dela. Cf. COBB, Jr., John B. *Grace & Responsibility: a Wesleyan theology for today*. Nashville: Abingdon, 1995. p. 97-99.

tos deslocamentos de sentido no uso da metáfora do novo nascimento. Um primeiro deslocamento ocorre quando confundimos “em potencial” com “atual”, o que pode se verificar em dois sentidos. Eu posso substituir o “em potencial” pelo “atual” no sentido de que o novo nascimento somente pode ter lugar quando a pessoa é capaz de saber de qual experiência se trata e de assumir essa experiência, correspondendo a ela com sua consciente aceitação. Essa interpretação se afasta do sentido original por relacionar o novo nascimento com a idade de adulto. Um segundo deslocamento se dá quando isolamos “em potencial” de “atual”. Nesse caso, fala-se do novo nascimento como momento “em potencial”, como se fosse o máximo que pode ser alcançado na vida, desconsiderando sua “atualização” como parte importante do desenvolvimento humano também em relação ao seu desenvolvimento em termos religiosos. O que parece absurdo, pensando-se no ciclo da vida humana, acaba ocorrendo quanto ao ciclo da vida religiosa. A emancipação da metáfora das suas origens pode causar uma perda de partes importantes do seu significado, tornando-se até, no mínimo parcialmente, incompreensível. O que se sobrepôs a ela eram modelos teocêntricos ou antropocêntricos incapazes de relacionar um momento da fé específico com o todo do ciclo da vida religiosa, outros momentos e seu processo ou o caminho como um todo.

Dessa maneira, resumimos essa primeira parte da seguinte forma: A leitura do renascimento como metáfora, que parte da experiência da vida humana, abre uma nova possibilidade de relacionar o momento do novo nascimento com a representação performativa da incondicionalidade e universalidade da graça divina, o batismo de crianças. É o nascer de Deus, de Cristo e do Espírito, que transforma o novo ser humano em nova criação, participante do reino ou herdeiro da vida eterna, no porvir, e da sua forma antecipada na Terra. O nascimento, começo de uma caminhada, não significa uma relação plena e acabada, nem no ciclo biológico nem no ciclo espiritual da vida humana. Porém, nesse processo, são também necessários processos de apropriação da realidade divina. Em nossa perspectiva, isso não é somente uma questão da superação do pecado ou da alienação que marca toda a existência humana. Aliás, a experiência e a consciência de viver sob a graça também não garantem essa superação de forma plena e jamais de forma imediata. Para nós, a questão da experiência do renascimento como consciência e enfrentamento do próprio pecado entra também pela questão da dignidade humana, porque faz parte da dignidade reconhecer-se em sua real condição e limitação e reconhecer a força transformadora da graça divina enquanto universal e incondicional, um dom divino.

O Deus-que-dá-à-luz e guerreiro e a natalidade: do caráter político da vida

Esta seção parte do entendimento de Mateus 19.28 de que a regeneração no sentido pleno envolve toda a criação, uma compreensão que a teologia wesleyana

articulou através da sua ênfase na nova criação³⁸ como parte de “uma viva esperança” (1Pe 1.3), que envolve também a igreja: somente juntos somos “primícias das suas criaturas” (Tt 1.18). Em John Wesley, esse aspecto se evidencia de forma muito clara quando ele traduz 2 Coríntios 5.17 por: “Portanto, se alguém está em Cristo, há uma nova criação”³⁹, e não “nova criatura”. Assim, John Wesley descreve o ser humano relacionado com Cristo como inscrito nessa nova criação, um participante no sentido de beneficiado como também no sentido de atuante e cuidador. Recentemente, desenvolvemos certos aspectos dessa vida nova partindo de Efésios 2.15 e 4.24⁴⁰, com seus reflexos na teologia de John Wesley e do metodismo brasileiro.⁴¹

Em seguida, gostaríamos, primeiro, de dialogar com a contribuição de Beth M. Stovell em relação ao renascimento como atividade de um Deus-que-dá-à-luz (*childbearing God*). A autora interpreta a metáfora do renascimento como parte de um contexto maior de metáforas maternais, porém esse não é o nosso foco no presente texto.⁴² Nosso interesse particular está na sua interpretação de Isaías 42.13-14, em que a imagem do Deus-que-dá-à-luz acompanha a imagem do Deus guerreiro:

Aplicar essas vinculações metafóricas sobrepostas de “guerreiro” e “doador da luz” para Deus fornece uma perspectiva única sobre o poder e intensidade de Deus em Isaías 42. [...] Muito trabalho tem sido feito em torno do motivo divino-guerreiro no AT, mas especialmente importante para nosso estudo é a forma como a imagem do guerreiro divino como campeão triunfante sobre os inimigos de Israel causa uma mudança na metáfora do parto. A metáfora do parto, muitas vezes associada ao medo e à possível derrota ou morte, está “virada de cabeça para baixo em sua descrição do poder de YHWH”.

Segundo a autora, essa proximidade leva a uma releitura, especialmente, das passagens no Evangelho de João:

Compreender as ressonâncias em João 16, tanto de Isaías 42 como de João 3, sugere que, em nossa concepção geral da metáfora do nascimento, é necessária uma correção em João 3. Muitos comentários falaram do parto em João 3 como algo simples e indolor, por ser algo espiritual e não físico, como se uma cegonha espiritual teria largado a

³⁸ Veja RUNYON, Theodore. *A Nova Criação: a teologia de João Wesley hoje*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2002.

³⁹ WESLEY, John. *Explanatory Notes on the New Testament*. London: [s.n.], 1754. p. 457. 2 Co 5.17: “Therefore, if anyone *be* in Christ, *there is* a new creation [...]”.

⁴⁰ RENDERS, Helmut. O uso das expressões duplas *δικαιοσύνη* (*dikaíosúne*) e *ὁσιότης* (*hosiótes*) como *δικαιοσύνη* e *εὐσεβεία* (*eusebeía*) no Novo Testamento: base para uma presença pública da Igreja? *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 31, p. 1.042-1.053, jul./set. 2013.

⁴¹ RENDERS, Helmut. A releitura da expressão dupla medieval *obras de misericórdia e piedade* por John Wesley e pelo metodismo contemporâneo: base para uma teologia pública wesleyana? *Caminhos*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 355-369, jul./dez. 2014.

⁴² STOVELL, 2012, p. 16: Dentro do Novo Testamento, metáforas do dar à luz e maternais desempenham um papel importante na descrição do renascimento espiritual (Gl 4.29; Jo 3. 3-8), descrevendo a experiência da morte e ressurreição de Jesus para os discípulos (Mt 24. 8; Mc 13.8; Jo 16.21); descrevendo Jesus Cristo (1Pe 1.3, 23; 1Jo 2.20; Tiago 1.18), e Paulo descreve seu relacionamento com a igreja de Tessalônica (1Ts 2.7).

criança em uma embalagem bonita. [...] O esclarecimento de Jesus de que esse nascimento é espiritual, e não físico, necessariamente não remove as implicações metafóricas de possível dor e/ou de uma possível crise. Como as teorias da metáfora de George Lakoff e Mark Johnson sugerem, a nossa compreensão da metáfora frequentemente move-se a partir de um referencial físico original para sua abstração na metáfora [...] O parto é uma combinação de expectativa e incerteza. De muitas maneiras, o nascimento, como o do vento e do Espírito Santo, seria visto como um mistério no mundo antigo. [...] Isso significa que precisamos considerar a dor e a luta como partes da jornada cristã. A jornada do segundo nascimento e da regeneração espiritual não é indolor ou sem crise; em vez disso, nós avançamos pelas dificuldades inerentes a esse novo nascimento, porque sabemos que a esperança e alegria existem aqui também.⁴³

Essa interpretação indica diversas pistas que merecem ser exploradas. Entretanto, as transposições de atributos e experiências de um sujeito divino – o Deus-que-dá-à-luz – para um sujeito humano – um ser humano que dá à luz – requerem alguns cuidados. A metáfora em Isaías e João fala, em primeiro lugar, de Deus. Porém Stovell deixa claro que a analogia da semelhança é plenamente articulada justamente pelas metáforas do novo nascimento e da regeneração: “Desta forma, seremos semelhantes a Cristo em sua jornada da morte para a ressurreição”⁴⁴. O caminho de argumentação da pesquisadora pode ser novo para nós. Entretanto, parte de suas ideias encontra ressonâncias já no século 18 em John Wesley, quando ele falava da necessidade de amar a Deus e a humanidade e da necessidade de contar com e assumir as perseguições por causa do evangelho.⁴⁵ No sermão sobre Mateus 5.13-16: “Vós sois a luz mundo! Vós sois o sal do mundo!”, Wesley cita a perseguição 26 vezes:

Primeiro, tenciono mostrar que o cristianismo é essencialmente uma religião social e que, torná-lo em religião solitária é, na verdade, destruí-lo. [...] Não que de algum modo condenamos a intercalação de períodos de retiro ou de solidão da vida social. [...] todavia, tal retiro não deve absorver todo nosso tempo: isto destruiria a verdadeira religião. [...] Outro aspecto necessário do verdadeiro Cristianismo é a promoção da paz ou o fazer o bem. [...] E vossa paciente perseverança no fazer o bem [...] vossa calma e humilde alegria em meio da perseguição, vosso constante empenho de vencer o mal com o bem, – tudo vos tornará mais eminentes do que éreis antes⁴⁶.

Outras referências a respeito de “perseguição” encontram-se nos tratados *Uma breve história do povo chamado metodista*⁴⁷ e *Cristianismo Moderno*:

Eu lhes disse: Deus me concedeu liberdade de consciência, também o rei e o parlamento; espero que os meus circunstantes façam isso também; mas se não o fizerem, virá um

⁴³ STOVELL, 2012, p. 19.

⁴⁴ STOVELL, 2012, p. 19.

⁴⁵ Veja RENDERS, Helmut. O metodismo nascente como movimento: elementos, mentalidades e estruturas de um cristianismo militante. *Caminhando*, v. 9, n. 1 [15], p. 121-136, jan./jun. 2005.

⁴⁶ Sermão do Monte (nº 24), I.1.2.4; II.3.

⁴⁷ WESLEY, John. *A short history of the people called Methodists*, Halifax: [s.n.], 1777. § 24, 34 e 101.

dia no qual os perseguidos e os perseguidores estarão juntos; se hoje você me considera em erro, naquele dia Deus confirmará que eu estava certo⁴⁸.

A ideia de que o novo nascimento ou a regeneração conduziriam a uma vida tranquila não se encontra em John Wesley. Porém Wesley não ensinava a procurar o conflito, o que o levou a uma dupla mensagem: “Chegamos a St. Ives ao redor das duas de madrugada. Às cinco horas, eu preguei sobre ‘Ame seus inimigos’ e, em Gwennap, à noite, sobre ‘Todos os que praticam a vontade de Deus em Cristo Jesus sofrerão perseguições’⁴⁹. A superação do mal da inimizade pelo bem da amizade representa um desdobramento da lógica da reconciliação para o campo do encontro com representantes da sociedade. Consequentemente, no tratado *Caráter de um metodista*, ele define a capacidade de amar a humanidade como perfeição cristã – por representar a conformidade com Cristo.⁵⁰ Segundo Wesley, um povo santo é instrumento das boas obras de Deus e, para tanto, orientou a orar semanalmente:

Envia o teu abençoado Espírito para o coração desta nação pecaminosa e faça-nos um povo santo: desperta o coração do nosso soberano, da família real, do clero, da nobreza [...] para que sejam felizes instrumentos em tuas mãos, promotores das tuas boas obras; sê generoso para com as universidades, com a nobreza rural e a gente comum destas terras [...] conceda que suas dificuldades na fé lhes proporcionem paciência [...]. Muda os corações de meus inimigos e dá-me a graça de perdoá-los, assim como tu nos perdoas pela obra de Cristo⁵¹.

Percebe-se que a questão da inimizade tem aqui um forte aspecto público e jamais privado. Não se trata de questões meramente religiosas ou doutrinárias e intraeclesiais. A inimizade é mencionada no fim de uma lista dos principais agentes públicos da sua época, ou seja, a hostilidade que Wesley enfrenta é pública, tarefa da qual ele não foge.

Essa afirmação já introduz o tema desenvolvido pela nossa segunda interlocutora, Hannah Arendt. Queremos aproximar, em seguida, a metáfora do renascimento ou da regeneração de sua metáfora da natalidade. Segundo Arendt, ela é ligada às “três atividades humanas fundamentais: labor, trabalho e ação”, que correspondem “ao processo biológico do corpo humano, [...] ao artificialismo da existência humana [...] e à condição humana da pluralidade”⁵².

O labor e o trabalho, bem como a ação, têm também raízes na natalidade, na medida em que sua tarefa é produzir e preservar o mundo para o constante influxo de recém-

⁴⁸ WESLEY, John (ed.). *Modern Christianity: exemplified at Wednesbury, and other adjacent places in Staffordshire*. 1745.

⁴⁹ Diário de John Wesley, 22 de junho de 1745.

⁵⁰ WESLEY, John. *A plain account of Christian perfection, as believed and taught by the Rev. Mr. John Wesley, from the year 1725 to the year 1765*, 1766. §§ 10, 15 (5), e Q. 38.

⁵¹ WESLEY, John. *A collection of forms of prayers for every day of the week*. Bristol: [s.n.], 1742. p. 8.

⁵² ARENDT, 2004, p. 15.

-chegados. [...] Não obstante, das três atividades, a ação é a mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente por que o recém-nascido possui a capacidade de iniciar algo novo, isso é, de agir. Neste sentido, todas as atividades humanas possuem um elemento de ação, e, portanto, de natalidade.⁵³

Em Hannah Arendt, a pergunta “Nascer para quê?” é respondida no sentido de uma vocação, a vocação de viver na pluralidade, pluralidade que requer ação, ações de cuidado mútuo e em conjunto, o que representa para ela uma “[...] atividade política por excelência”⁵⁴. Para Arendt, essa relação é estabelecida por Gênesis 1.27, ou seja, biblicamente, quando se afirmou como momento da criação “[...] macho e fêmea Ele os criou”⁵⁵. Queremos perguntar em conversa com Hannah Arendt – Renascer para quê? – e lembrar que a pergunta levantada por John Wesley “Por que Deus levantou os metodistas?”, que ele mesmo respondeu afirmando “Para reformar a nação, particularmente, a igreja, e para espalhar a santidade bíblica sobre a terra”. Essa “proximidade” entre a ênfase na ação como elemento-chave da natalidade ou como atributo essencial do ser humano em busca de Deus e, depois do renascimento, ciente da sua pertença a Deus, aproxima Hannah Arendt e John Wesley. Arendt critica o ideal da ênfase na quietude como parte da “enorme superioridade da contemplação sobre qualquer outro tipo de atividade inclusive da ação” e classifica essa ênfase como “não de origem cristã [mas da] filosofia política de Platão”. A compreensão da liberdade como “cessão de toda atividade política” nasce de uma “apolitia filosófica”, que precedeu “a posterior pretensão dos cristãos de serem livres de envolvimento em assuntos mundanos”⁵⁶, o que, aqui, quer dizer políticos. Em um movimento parecido, John Wesley rejeita atitudes de quietude por parte dos morávios na sociedade religiosa de Aldersgate e um misticismo focado na vida contemplativa (o *bios theoretikos* em Aristóteles) e favorece a ação e a iniciativa humana em ampla escala, geralmente descrita como amar Deus, amar o próximo e amar a humanidade. É inquestionável que Hannah Arendt e John Wesley focam em esferas diferentes: ela, na esfera pública; ele, na esfera do religioso, cuja fronteira com o privado e o público, porém, ainda não estava plenamente definida. Em virtude disso, Wesley transgride a fronteira do religioso, refere-se à humanidade e discute a reforma da nação, algo que ele entendeu claramente como uma

⁵³ ARENDT, 2004, p. 16.

⁵⁴ ARENDT, 2004, p. 16.

⁵⁵ ARENDT, 2004, p. 16. Arendt distingue entre o primeiro e o segundo relato da criação. “Se entendermos que esta versão da criação do homem diverge, em princípio, da outra segundo a qual Deus originalmente criou o homem (adam) – a ele, e não a *eles* – de sorte que a pluralidade dos seres humanos vem a ser o resultado da sua multiplicação” (ARENDT, 2004, p. 16). Lembramos que a projeção do novo Céu e da Nova Terra em Apocalipse 21.3 também segue a lógica do primeiro relato da criação em sua afirmação da preservação da pluralidade dos povos: “Eles serão os *seus povos* e o próprio *Deus* viverá com eles, e será o *seu Deus*”. Arendt distingue, com base da preferência de Jesus pelo primeiro relato e de Paulo pelo segundo, dois tipos de fé: “Para Jesus, a fé era intimamente relacionada com a ação [...], para Paulo, a fé relacionava-se, antes de mais anda, com a salvação” (ARENDT, 2004, p. 16, nota 1).

⁵⁶ ARENDT, 2004, p. 22-23.

atividade política, segundo suas relações com comissões parlamentares o mostram.⁵⁷ Já os dois têm em comum o questionamento da inatividade e da falta de iniciativa. O novo nascimento e a regeneração limitam-se, em Wesley, não a um projeto intimista, pessoal e até individualista, mas é um passo para a realização de um projeto amplo, inclusive eclesial e político. Convém lembrar que, na sua compreensão do ser humano como imagem de Deus, parte dessa imagem, a imagem política, é considerada um “[...] modo fundamental pelo qual a humanidade reflete seu Criador. Deus dotou essa criatura com capacidade de liderança e administração”⁵⁸, o que envolve, entre outras, “a liberdade e o poder de escolha”⁵⁹. É essa metáfora da imagem de Deus em Wesley que se aproxima mais do conceito de natalidade em Arendt. Já a metáfora do renascimento ou da regeneração abraçam tanto os momentos do início da vida como a fase de amadurecimento. Assim, a metáfora do novo nascimento ou da regeneração serve como catalisadora daquilo que Arendt descreve como natalidade.

Assim, resumimos esta segunda parte da seguinte forma: A proposta de Beth M. Stovell representa uma releitura importante para a caminhada da igreja no século 21. A experiência do renascimento e o caminho da cruz não são antagônicos e um não ameaça o outro. Em um mundo cada dia mais burocrático e tecnológico, em que as emoções e os desejos são fortemente manipulados por uma indústria de consumo, a experiência do renascimento corre o risco de se transformar e de ser reduzida a uma sensação do mero prazer da proximidade e intimidade com Deus, em uma visão quase fatalista em que Deus governa e mantém o mundo e o ser humano deve adivinhar e contemplar suas ações e, preferencialmente, não interferir. Esse novo quietismo ou nova quietude – agora não somente enquanto construção da salvação pessoal, mas também como colaboração do novo ser humano na nova criação –, pode ser desafiado pela valorização da natalidade do ser humano no sentido de Hannah Arendt. O ser humano é criado e divinamente entendido como um ser plural e, por essa pluralidade, nasceu com a tarefa de ser um ente político, cuja atividade deve focar na preservação e na promoção da vida. Esse ser político e ativo, porém, não é somente um *homo faber*. Ele desafia, segundo Hannah Arendt, as duas bases principais do totalitarismo: o isolamento e o desenraizamento.⁶⁰ O isolamento “é aquele impasse no qual os homens se veem quando a esfera política de suas vidas, onde agem em conjunto na realização de um interesse comum, é destruído”⁶¹. Desenraizamento significa “não ter raízes [...] não ter no mundo um lugar reconhecido e garantido pelos outros: ser supérfluo [...] não pertencer ao mundo de forma alguma”⁶². A luta contra o isolamento e o desenraizamento transparece em Wesley certamente na afirmação da vocação do movimento

⁵⁷ Cf. RENDERS, Helmut. *Andar como Cristo andou: Salvação social em John Wesley*. 2. ed. revisada e ampliada. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012. p. 54, 155, 167.

⁵⁸ RUNYON, 2002, p. 27.

⁵⁹ RUNYON, 2002, p. 28.

⁶⁰ Essa ideia se encontra em LAFER, Celso. A política e a condição humana. In: ARENDT, 2004, p. 349.

⁶¹ ARENDT, Hannah. *As origens do totalitarismo: totalitarismo, o paroxismo do poder*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979. p. 243.

⁶² ARENDT, 1979, p. 244.

metodista para “reformatar a nação, em particular a igreja”. É vocação da igreja ser internamente o lugar das raízes que desafia o desenraizamento, é vocação da igreja ser externamente o lugar do compromisso público e da construção de alianças que desafia o isolamento. Por causa disso requer a esperança de reformatar a nação – de construir um espaço público, em uma perspectiva cristã; também de reformatar continuamente a igreja, em resposta ao propósito do novo nascimento e da regeneração humana, ou como se lê em Mateus 9.17, “[...] deita-se vinho novo em odres novos, e assim ambos se conservam”.

Considerações finais

O tema do renascimento ou da regeneração é um aspecto essencial da articulação da esperança cristã no ciclo da vida cristã, denominada por John Wesley e pela teologia metodista e wesleyana, como caminho da salvação. Em épocas diferentes, as discussões em relação ao novo nascimento ou à regeneração focaram em aspectos distintos: na transição da época medieval para a época moderna, disputava sua relação com os sacramentos, especialmente, o sacramento do Batismo. Parte dessa discussão era a demorada, porém crescente, tendência de mudar de uma teologia medieval, tendencialmente teocêntrica (e eclesiocêntrica), para uma teologia da modernidade de propensão antropocêntrica. Salvo engano, estamos hoje, na modernidade tardia, assistindo ao esgotamento do antropocentrismo na teologia, que se expressa por práticas de novo mais contemplativas, tendencialmente quietistas.

A forte ênfase geral na experiência religiosa como experiência do transcendente, como contraponto à experiência alienadora do mundo do consumo (engano do desejo *versus* satisfação do desejo) e midiática (simulação *versus* autenticidade), da modernidade tardia, até uma popularização da experiência extática, segue esse modelo do *bios theoretikos*. Parece-nos que essa dinâmica segue, até certo modo, uma dinâmica conhecida: enquanto a modernidade sonhava com o renascimento do mundo greco-romano, reaparece hoje o sonho do renascimento da época medieval ou, no mínimo, o sonho da aniquilação da modernidade e das suas práticas pastorais e respectivas teologias. Lembra-se que essa dinâmica tem no Brasil seus precedentes nas práticas pastorais e teologias da reforma católica até o seu renascimento no movimento ultramontano. Nessa tradição, a experiência religiosa estática é como deve ser esperada uma experiência, muitas vezes, vinculada à recepção ou à contemplação do sacramento da Santa Ceia.

Nessa situação, aparece a teologia de John Wesley, um legado interessante já pelo mero fato de representar uma tentativa de uma teologia de mediação que responde à transição da época medieval para a modernidade, à transição de um mundo político de um monarquismo absoluto para um monarquismo constitucional, à transição da valorização da aristocracia para a valorização da burguesia, à transição de um sistema mercantilista para o sistema capitalista. É neste mundo que Wesley experimenta Deus, que, para ele, é parcialmente ainda o Deus medieval, o Deus da ira de Anselmo de Cantuária, mas também já é o Deus que requer a colaboração humana na construção

de um novo mundo, de Pelágio. Segundo nossa opinião, é este o legado da teologia wesleyana: de ser uma teologia de mediação em um mundo de transição, uma teologia que segura as conquistas do passado e caminha em novas direções, intuindo as necessidades do presente.

Partes dessas conquistas são, para nós, todas as formas da sinalização do dom da vida, física e espiritual, como dom de Deus, dom concedido de forma gratuita, incondicional e universal. Acreditamos que essa experiência seja uma base confiável de um renascimento e impulso da regeneração em direção da verdadeira humanização do ser humano. Além disso, precisamos avançar além da discussão sobre regeneração sacramental versus experiência humana de conscientização. Precisamos explorar, ao lado do caráter da gratuidade, o aspecto do compromisso que encara consequências e assume responsabilidades. Precisamos unir a liberdade e libertação de (forte acento atual) com a liberdade e libertação para, sendo a graça incondicional, universal e libertadora e o novo nascimento ou a regeneração, um convite de viver na liberdade da justificação pela fé. Isso significaria viver o *shalom* de Cristo em vez da *pax romana* como parte da nossa natalidade, reforçada pelo renascimento e pela regeneração em Cristo. A experiência da regeneração quer promover a formação de caráter de um ser humano em que conhecimento, atitude e visão colaboram para um mundo que reflete a graça, a paz e a beleza de Deus, através das colaborações humanas.

Referências

- ABRAHAM, William J.; WATSON, David F. *Key United Methodist Beliefs*. Nashville: United Methodist Publishing House, 2013.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- _____. *As origens do totalitarismo: totalitarismo, o paroxismo do poder*. Rio de Janeiro: Documentário, 1979.
- BOFF, L. *Eclesiogênese: As comunidades eclesiais de base re-inventam a Igreja*. SEDOC, IX, p. 393-438, 1976.
- _____. *Eclesiogênese: as Comunidades Eclesiais de Base reinventam a Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- COBB, Jr., John B. *Grace & Responsibility: a Wesleyan theology for today*. Nashville: Abingdon, 1995.
- DICK, John. *Lectures on Theology*. Oxford: David Christy, 1836.
- FELTON, Gale Carlton. Baptism. In: YRIGOYEN, Jr., Charles; YRIGOYEN Jr.; WARRICK, Susan E. *Historical Dictionary of Methodism*. 3. ed. Lanham: Scarecrow, 2013.
- HAMMER, Keir E. *Disambiguating rebirth: a socio-rhetorical exploration of rebirth language in 1 Peter*. Tese (doutorado) – Centre for the Study of Religion, University of Toronto, 2011.
- HOLYFIELD, E. Brooks. *The Gentlemen Theologians: American theology in Southern Theology in Southern Culture, 1795-1860*. 2. ed. Durham: Duke University Press, 2007.
- IGREJA METODISTA. *Cânones 2002*. São Paulo: Cedro, 2007.
- _____. *Cânones da Igreja Metodista do Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1934.
- _____. *Cânones da Igreja Metodista do Brasil*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1965.
- _____. *Ritual da Igreja Metodista*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1990.
- _____. *Ritual da Igreja Metodista*. São Paulo: Imprensa Metodista, 2001.

- JOINER, Eduardo E. *Theologia Cristã*: Sendo uma apresentação e defesa da fé cristã como é ensinada pelos Metodistas. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Metodista, 1900. v. 2.
- LEPP, N.; ROTH, M.; VOGEL, K. (Eds.). *Der neue Mensch*: Obsessionen des 20. Jahrhunderts. Katalog zur Ausstellung im Deutschen Hygiene-Museum Dresden. 22.04.-08.08.1999.
- POPE, William Burt. *A Compendium of Christian Theology*: Being analytical outlines of a course of theological study, biblical, dogmatic, historical. Cleveland, OH: Thomas & Mattill, 1881. 3 v.
- RENDERS, Helmut. A releitura da expressão dupla medieval *obras de misericórdia e piedade* por John Wesley e pelo metodismo contemporâneo: base para uma teologia pública wesleyana? *Caminhos*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 355-369, jul./dez. 2014.
- _____. *Andar como Cristo andou*: Salvação social em John Wesley. 2. ed. revisada e ampliada. São Bernardo do Campo: Editeo, 2012.
- _____. O metodismo nascente como movimento: elementos, mentalidades e estruturas de um cristianismo militante. *Caminhando*, v. 9, n. 1 [15], p. 121-136, jan./jun. 2005.
- _____. O uso das expressões duplas *δικαιοσύνη* (dikaiosúne) e *ὁσιότης* (hosiótes) como *δικαιοσύνη* e *εὐσεβεία* (eusebeia) no Novo Testamento: base para uma presença pública da Igreja? *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 31, p. 1.042-1.053, jul./set. 2013.
- ROBINSON, J. M. New Birth. In: BUTTRICK, George Arthur (ed.). *The Interpreter's Dictionary of the Bible*: an illustrated Encyclopedia. Nashville: Abingdon, 1962. v. 2.
- RUNYON, Theodore. *A Nova Criação*: a teologia de João Wesley hoje. São Bernardo do Campo: Editeo, 2002.
- SILVA, M. Homo sustentabilis. *Folha de São Paulo*, 20 out. 2008.
- STOVELL, Beth M. The birthing Spirit, the childbearing God: metaphors of motherhood and their place in Christian discipleship. *Priscilla Papers*, v. 26, n. 4, p. 16-21, out./dez. 2012.
- SUMMERS, Thomas Osmond. *Systematic Theology*: A Complete Body of Wesleyan Arminian Divinity, consisting of Lectures on the Twenty-Five Articles of Religion. Nashville: Publishing House of the M. E. Church, South, 1888.
- TILLY, Edmund. *Doutrinas Cristãs*: Com introdução pelo rev. Dr. John M. Kyle. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Metodista, 1898.
- TUCKER, Karen B. Westerfield. Sacraments and life-circle rituals. In: VICKERS, Jason E. (eds.). *The Cambridge Companion to American Methodism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- WESLEY, John (ed.). *Modern Christianity*: exemplified at Wednesbury, and other adjacent places in Staffordshire. 1745.
- _____. *A collection of forms of prayers for every day of the week*. Bristol: [s.n.], 1742.
- _____. *A plain account of Christian perfection, as believed and taught by the Rev. Mr. John Wesley, from the year 1725 to the year 1765*, 1766.
- _____. *A short history of the people called Methodists*, Halifax: [s.n.], 1777.
- _____. *Explanatory Notes on the New Testament*. London: [s.n.], 1754.
- _____. *The works of John Wesley*. Complete and unabridged. Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 1986. v. 8.